

MUDANÇAS VÃO ALÉM

DA TROCA DE NOMES CORREIO BRAZILIENSE

De todos os setores do atual Governo do Distrito Federal, provavelmente o cultural tenha sido o mais surpreendido com a derrota de Cristovam Buarque. Afinal de contas, os condutores da política de cultura do atual governo tinham planos ambiciosos para os próximos quatro anos. A segunda edição do Festival Nacional da Juventude e a conclusão da reforma do Museu de Arte de Brasília (MAB), com a inauguração do Parque Internacional de Esculturas, são dois exemplos de projetos que ficarão para ser concluídos — ou revogados — pelo governo Roriz.

O indisfarçável clima político verificado durante a última edição do Festival de Brasília — no qual, diga-se de passagem, um depoimento de Joaquim Roriz sobre a criação do Pólo de Cinema e Vídeo foi vaia-do estrepitosamente — foi o exemplo mais representativo da euforia quanto ao desempenho do governador Cristovam no segundo turno das eleições. As urnas eletrônicas, contudo, dissolveram os sonhos dos petistas.

Diante do novo cenário, pode-se garantir que haverá mudanças significativas no âmbito cultural. A começar pelos ocupantes do primeiro e segundo escalões, todos umbilicalmente ligados ao Partido dos Trabalhadores e com pouquíssimas chances de aproveitamento no próximo governo. Mas as alterações não devem ficar na troca de nomes. A forma de produzir cultura e, conseqüentemente, fazer política, será alterada significativamente.

É pouco provável, por exemplo, que a secretaria de Cultura continue a promover as Temporadas Populares nos moldes atuais. Afinal, trata-se de um projeto diretamente associado com a administração Cristovam Buarque — foi numa das edições das Temporadas, durante uma apresentação de Antonio Nóbrega, que o atual governador dançou ciranda de mãos dadas com a platéia do espetáculo.

Certamente, a política cultural a ser implantada nos próximos quatro anos não se resumirá aos itens incluídos no programa de governo do candidato Joaquim Roriz (publicados na capa de hoje do Correio Dois). Até porque os pontos alinhavados pela equipe coordenada por Luiza Dornas funcionam mais como indicadores dos novos rumos do que propriamente como programa de governo para o setor. Mas a definição concreta da nova política cultural só deve sair nos primeiros dias de janeiro, com a posse do novo secretário, do novo diretor da Fundação Cultural do DF e demais integrantes da equipe de Joaquim Roriz.



“A NOVA
POLÍTICA
CULTURAL
SÓ SAI EM
JANEIRO”

■ Talvez bafejada pelos ventos que sopram de São Paulo, onde se realiza mais uma Bienal, Brasília está sediando várias exposições imperdíveis. A mostra de Yoko Ono — canto de cisne da passagem de Evandro Salles pela Secretaria de Cultura — é a mais atraente delas, mas a retrospectiva de Arthur Bispo do Rosário e a mostra fotográfica Ocupações também merecem ser vistas pelos amantes das artes plásticas e curiosos em geral.